

“Falar sobre Carolina é uma coisa encantada!”

Dirce Thomaz (Atriz e Arte-Educadora)



Foto: Dirce Thomaz e divulgação de peça teatral (arquivo particular de Dirce)

“Carolina Maria de Jesus está vivíssima em 2020. A obra dela está aí, sendo matéria obrigatória no Vestibular da UNICAMP, na UFRS. Caiu este ano no Diversitas da USP.

E não só a obra dela. Muitas mulheres vivem Carolina. Muitas mulheres conseguiram se levantar através da obra de Carolina. Trabalhar Carolina, ler Carolina é uma outra alternativa que as pessoas têm. A Carolina é tão fantástica que ela consegue trazer à tona o interesse das crianças, dos jovens, dos adolescentes e dos mais velhos. Tem gente que assiste e chora porque lembra. Fala: ‘Nossa! Minha avó passou por isso, meu pai passou por isso, minha mãe vendia latinha também para sustentar a gente!’. Então, eu acho que por isso a Carolina está viva, ela está aí em 2020!

Com a possibilidade da Carolina viver em 2020, é o que está acontecendo atualmente: vendendo muito mais, este interesse pela obra dela, talvez com os movimentos mais consolidados, com a Arte Negra, os Grupos de Teatro Negro, mais constituídos, muita gente da literatura Negra, muitos grupos escrevendo, produzindo. talvez ela não teria passado tanta fome, tanta necessidade. Mas, a questão para o negro é sempre bem difícil, nunca foi fácil para as pessoas negras! Publicar, mesmo nos estudos nas humanas, nas exatas, nas ciências biológicas, nunca foi fácil! Mas, eu acho que talvez hoje com a mídia alternativa... Este texto é para uma página da internet e

na época de Carolina não tinha. Então, há outras possibilidades. O teatro que eu faço, mesmo sem patrocínio, consegue uma divulgação em massa. Consegui lotar a Funarte! Quando? No passado isto não aconteceria. Era bem mais difícil, sem a mídia alternativa. É um ponto de vista que eu tenho. Falar sobre Carolina é uma coisa encantada! O contato que eu tive com Carolina, desde os anos 1980, final dos anos 1980, quando eu começo fazer um projeto para trabalhar com Antunes Filho, 'Chica da Silva'. Daí começou uma grande aproximação! Olhava o livro, era um livro pequeninho da Ediouro, eu sabia mais ou menos a história de Carolina, mas eu não conseguia ler porque eram letras pequenas. Depois, com o tempo, eu fui ouvindo falar mais de Carolina. Daí terminou o espetáculo "Chica da Silva". Viajamos para o Japão, para a Coreia. E em 1989 eu fui convidada para fazer "Os Negros", de Jean Genet, com direção de Maurício Abud, com os grandes atores negros: Lizete Negreiros, o saudoso Gésio Amadeu, João Acaiabe, Eduardo Silva, Cyda Moreno, Luiz Pilar, Iléa Ferraz, Paulinho Pompeia. E foi uma coisa muito louca e maravilhosa, trabalhar com este elenco negro! E daí eu conheci o Luiz Pilar. E ele convidou: "Olha, eu vou fazer Carolina! E quando eu fizer Carolina, você vai ser a minha Carolina, porque você é magra, você parece Carolina e eu quero você no meu filme!" Isto em 1989. O tempo passou, aí em 2009 o Luiz Pilar volta a falar nesse assunto. Antes, um pouquinho, em 1998 eu fui fazer o Cursinho da PUC. E entrei na PUC em 1999, fui fazer Letras. Daí, na Biblioteca Nadir Figueiredo eu achei um volume de Carolina maravilhoso! Com letra maior, eu consegui ler tudo! E foi, assim, um encanto! E em 2009, quando o Luiz resolve fazer o filme, já me manda o roteiro, parecia uma coisa impossível. Eu fiz o filme. Estava num período muito difícil. E eu não gostava do filme. Eu fui na avant-première e tudo, no Cine Odeon, lá na Cinelândia. Lotado! E depois teve uma festividade, um coquetel no Cais do Valongo. E foi tudo encantado. Mas, eu assisti aquele filme e eu não gostava de mim, nem da voz, nem de nada, nem interpretação, eu achava horrível! Eu vim embora. Eu passei quase uns dois anos sem ver o filme. Até que as pessoas começaram a assistir ao filme, começaram comentar: 'Dirce, que poético!'; 'Ai que lindo o papel, realmente você parece Carolina!'. Daí, 2014,

centenário de Carolina, como não bastasse só o centenário de Carolina, centenário de Carolina e de Abdias do Nascimento, dois grandes gênios do teatro e da literatura negra! Em qualquer outro país seria uma comemoração estrondosa! 100 anos de Carolina, 100 do Abdias, duzentos anos de dois gênios e pouca comemoração, se fosse em outro país haveria uma festa grande. 200 anos. Eles nasceram dia 14 de março. 200 anos! Mas, no Brasil só as companhias de teatro, os movimentos mais engajados, as escolas, algumas escolas com Diretoras mais engajadas para estudar Carolina. E daí eu comecei a apreciar um pouco mais o curta-metragem. Depois eu vou trabalhar nas escolas, daí em 2015 tenho encontro com a Doutora Mônica (Dra. Mônica do Amaral, Professora e Coordenadora do projeto O Ancestral e o Contemporâneo na Escola). No Show da Gal Costa no Teatro J. Safra encontrei a Rute Reis, Antropóloga e Diretora da Escola Saturnino Pereira, e ela disse: 'Estou procurando você! Passei Carolina na escola! Você tem que trabalhar na escola! Nós estamos com um projeto na USP. Você tem que ir para lá!' Daí eu fui para passar o filme. A Doutora Mônica gostou. Me convidou para participar do grupo. E comecei a participar do grupo de pesquisa lá da USP. E depois, também, fiz uma inscrição lá na Secretaria de Educação do Município para trabalhar com étnico-racial. Fui classificada e comecei a trabalhar nas escolas com esse projeto: passava o filme; depois do filme eu entrava fazendo uma performance. E eu fiz esta performance, assim, mais de 20 vezes em escolas, para professores, nas Delegacias de Ensino do Município, para crianças. E sempre ficavam muito aguçados com a ideia de Carolina Maria de Jesus, uma mulher que morou na favela, mulher preta que aprendeu a escrever em 1921, que só estudou até o Segundo Ano Primário. Mas, é claro que Carolina não estudou só o Segundo Ano Primário! Ela leu muito na vida! Poque, tudo que ela catava na rua, de papel e de livro, ela lia. Ela leu muito na casa do Doutor Zerbini, onde ela trabalhou. Ao invés de pegar folga nos finais de semana, ela ficava na biblioteca estudando. Então, é uma mulher à frente do seu tempo! A obra 'Quarto de despejo' foi lançada em 1960 pelo Audálio Dantas, que é o jornalista que descobriu Carolina lendo lá na favela. E foi lançada em vários países, vários idiomas. Em Portugal eles conhecem, Carolina Maria de Jesus,

na escola. Alemanha tem filme sobre a Carolina Maria de Jesus. Na França tem 'Quarto de despejo' que foi editado em Paris. Eu encontrei o Padre Assis. O Padre Assis é um Padre que veio, se não me engano, ou ele é da Guiné-Bissau ou de Moçambique. Não! Ele é de Cabo Verde, o Padre Assis. E ele leu Carolina em francês, 'Quarto de despejo'. Então, quando ele foi assistir a minha peça, no Teatro Studio Heleny Guariba, ele ficou, assim, fascinado por ter conhecido a obra em francês e estar assistindo uma atriz negra brasileira interpretando Carolina Maria de Jesus! Então, a semelhança com Carolina, depois de fazer várias escolas pelo Município na Secretaria Municipal da Educação projeto Do Étnico-Racial, na educação étnico-racial, pelo Projeto Ancestral Contemporâneo FEUSP - Faculdade de Educação - USP, fizemos numa escola educação compartilhada, numa escola na Cidade Tiradentes. Cidade Tiradentes é no finalzinho de Guaianases. Escola Municipal Saturnino Pereira. Era com crianças, adolescentes e com EJA. Sexta, Sétima e Oitava Séries e no EJA. E há um entendimento desta obra. Então, foi uma... Carolina, eu acredito, é um poço sem fundo! Que ela está aí pelo mundo. Uma obra tão consagrada! E agora que o Brasil está despertando para conhecer a Carolina Maria de Jesus. E depois que as pessoas começaram a elogiar o filme, eu também comecei a ter uma paixão maior pelo filme e pelo meu trabalho. Que foi um filme feito com Zózimo Bulbul, um dos grandes atores e diretor brasileiro, precursor do Cinema Negro. Fez um filme, aliás o único filme que o Antunes Filho dirigiu, é 'Compasso de Espera', com Zózimo Bulbul e Renée de Vielmond, novinha, os dois bem jovens. Então, eu acredito que é uma obra que está aí, já foi feito muito no cinema, muito no teatro. Depois de fazer a performance eu falei: 'Não! Carolina tem que ser um espetáculo! Eu preciso fazer um espetáculo com Carolina.' Daí que surge o 'Eu e ela: Visita a Carolina Maria de Jesus', que eu fiz primeiro em 2017, na Mostra Novembro Negro. Fiz alguns CEUS, a DRE Butantã. E ficou aquele gostinho de quero mais. Daí eu fiz uma na Funarte. A gente tinha um curso na Funarte que era para trabalhar 'O Século de Stanislavski', mas eu sempre estudando a questão do Teatro Negro, fazendo seminários sobre a Cultura Negras, falando sobre Abdias, sobre De Chocolat, sobre nossa arte, sobre as Companhias Negras

de Revista, sobre os grupos contemporâneos de Teatro Negro, que está aí até hoje. Daí fiz, também, o Heleny Guariba. Daí, no Heleny Guariba a Dulce Muniz que é atriz e é diretora, administradora do Teatro Studio Heleny Guariba, pediu: 'Ó, 2018, você não quer ficar uma vez por semana? Foi legal! Fazer no final do ano.' Daí em 2018 eu fiquei de maio até outubro no Teatro Studio Heleny Guariba. Eu volto para o Heleny Guariba e faço a segunda temporada de maio a outubro as quintas feiras, e na Virada Cultural em maio, devido ao grande sucesso volto em meados de julho e fico até a primeira quinzena de agosto lotando a sala Guiomar Novaes. Em 2019 volto para o Heleny Guariba de 13, 14, 19,21 e 22 de dezembro com 'Eu e Ela: Visita: a Carolina Maria de Jesus' e dia 15 com Resquícios de Memórias. Na Funarte fiquei antes na semana da Virada Cultural e uma depois, e volto na segunda quinzena de julho e primeira de agosto. Loto a sala Guiomar Novaes. Daí foi uma loucura! A Sala Guiomar Novaes, eu estava com medo, uma sala enorme, com cento e cinquenta lugares. Mas, daí foi lotando, lotando, lotando! O Teatro que ficou uma coisa! Ficava fila! O espetáculo começava cinco, dez minutos depois porque tinha filas. Uma coisa de louco! Um trabalho... Eu não tinha patrocínios. Vivia de bilheteria e destes espetáculos no CEU's. Fiz alguma circulação através da Secretaria de Cultura, que eu fiz Heliópolis, Casa de Cultura da Penha, fiz Centro de Culturas Negras 'Mãe Sylvia de Oxalá' no Jabaquara, fiz Casa de Cultura de Parelheiros e fiz o Centro de Cultura do Grajaú. Tudo lotado! Tudo lotado! Cento e poucas pessoas, no Grajaú tinha duzentas pessoas. E aí Carolina foi tomando uma coisa, um outro rumo. Eu e ela. Então, eu acho que é isso, um pouco, que eu queria falar nesta questão de Carolina Maria de Jesus, que é esse prato cheio, para ninguém botar defeito! Mas, mesmo assim tem gente que critica, que acha que Carolina não é escritora porque ela só estudou o Segundo Ano Primário. Não estudou só o Segundo Ano Primário! Ela lia! Ela trabalhou na casa do Doutor Zerbini. Ao invés de ir para a... nos dias de folga, ela pedia para o Doutor Zerbini para ficar na biblioteca estudando. E ela trabalhou com material de rua, com papel, ela lia tudo, achava livros, ela lia livros, lia revistas. É uma mulher à frente do seu tempo!"